

A ATUAÇÃO MISSIONÁRIA CATÓLICA EM MOÇAMBIQUE E OS MOVIMENTOS ANTICOLONIAIS (1950-1960)

ACTIVITÉ MISSIONNAIRE CATHOLIQUE AU MOZAMBIQUE ET MOUVEMENTS ANTICOLONIAUX (1950-1960)



Adrian Nunes de Oliveira¹

Resumo

Este artigo é fruto e resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica (IC), onde buscou-se contribuir, de alguma forma, para o preenchimento de lacunas acerca dos Estudos Africanos no Brasil, sobretudo, no Amazonas, para uma maior compreensão dos diferentes contextos dentro do continente africano. Esta pesquisa teve como objeto de estudo as articulações que antecederam a independência de Moçambique, sobretudo, o papel das missões católicas nesse contexto. Durante a metade do século XX, observa-se um aumento dessas missões católicas em Moçambique, paralelamente a isso, percebe-se atravessar perante a África movimentos nacionalistas, anticoloniais, e de cunho emancipatório. Desta forma, o artigo tem como objetivo compreender como tais missões atuaram em movimentos que antecederam a independência, analisando seu papel para a formação de uma força anticolonial.

Palavras-chave: Missões Católicas; Colonialismo; Moçambique; Anticolonialismo.

Résumé

Cet article est le fruit d'un travail de recherche en Initiation Scientifique (IC), qui visait à contribuer, d'une certaine manière, à combler les lacunes concernant les Études africaines au Brésil, en particulier en Amazonie, afin de mieux comprendre les différents contextes au sein du continent africain. Cette recherche a eu pour objet d'étude les dynamiques ayant précédé l'indépendance du Mozambique, notamment le rôle des missions catholiques dans ce contexte. Au cours de la seconde moitié du XXe siècle, on observe une augmentation de ces missions au Mozambique. Parallèlement, le continent africain est traversé par des mouvements nationalistes, anticoloniaux et émancipateurs. Ainsi, cet article a pour objectif de comprendre comment ces missions ont agi dans les mouvements précédant l'indépendance, en analysant leur rôle dans la formation d'une force anticoloniale.

Mots-clés: Missions catholiques; Colonialism; Mozambique; Anticolonialisme.

Introdução

A investigação acerca das experiências missionárias vem revelando-se como importante ferramenta de estudo para compreensão dos diferentes tempos e contextos nos territórios africanos. As documentações produzidas pelas missões ajudam-nos a compreender a relação entre portugueses e africanos, uma vez que tais missões

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: adriannunesdeoliveira@gmail.com.



desempenharam e atuaram de diferentes maneiras em Moçambique ao longo do século XX, assim como outras missões em diferentes temporalidades. Nesse contexto, os missionários foram importantes agentes do poder colonial, como também foram cartógrafos, desenhistas e escritores (RIBEIRO, 2020). Seus registros ajudam-nos ainda a desconstruir estereótipos eurocêntricos, as quais relacionam a África como espaço de calamidades, doenças e retrocesso, ou ainda tratada como um espaço singular (MACEDO, 2020), assim como caracterizam o africano como figura inerte a sua própria história², limitado a escravidão. Salienta-se ainda, que tais registros exercem duplo papel, uma vez que os mesmos, a depender da sua temporalidade e contexto, tinham como função exacerbar a visão preconceituosa acerca de parte desse continente, cabe ao trabalho historiográfico analisar essas fontes, a fim de dar-lhes novos caminhos.

Diante disso, o presente artigo propõe-se a discutir a relação entre a atuação missionária em Moçambique e os movimentos anticoloniais. Buscou-se entender como tais missões atuaram em movimentos que antecederam a independência, analisando a importância destas para a formação de uma força anticolonial³.

Ao longo do século XX podemos observar uma priorização de investimento do governo português para com as missões católicas situadas em Moçambique, priorização esta assegurada pela Concordata de 1940⁴ entre Estado Português e Vaticano e Acordo Missionário⁵ (THOMAZ, 2002), ainda que a população branca dessa colônia não atingisse a metade da população branca em Angola, possivelmente, em uma tentativa de barrar a influência do missionarismo protestante oriundos de colônias nas proximidades de Lourenço Marques (atual Maputo) como África do Sul, Lesotho, Suazilândia (DERMATINI e CUNHA, 2015). Em 1952 os salesianos chegariam a ser os maiores priorizados para recebimento de subsídios provenientes do governo português, seria nesse

² Existe uma busca pela epistemologia na nova historiografia africana que aborda o tema. Deixo claro aqui que a abordagem deste autor e desse texto busca estar em diálogo com essa nova historiografia.

³ Este artigo corresponde aos resultados da pesquisa de iniciação científica intitulada “A atuação missionária católica em Moçambique e os movimentos anticoloniais (1952-1960)”, financiada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e desenvolvida no Departamento de História/UFAM.

⁴ Acordo entre Portugal e Santa Sé, no qual assegurava a atuação missionária católica e proteção dos interesses da nação portuguesa. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_santa-sedeportogallo_po.html. Acesso em: 1 julho de 2025.

⁵ Acordo Missionário Entre A Santa Sé e a República Portuguesa em 1940. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_missioni-santasede-portogallo_po.html. Acesso em: 1 julho de 2025.



mesmo ano que se estabeleceriam em Moçambique, conforme apontam Dermatini e Cunha (2015).

A missionação cristã, que ora desempenhara uma imposição de uma civilização europeia e ocidental, se internalizou com questões sociais locais pós 1945, como os Padres Burgos e Padres Brancos⁶, com o fim da Segunda Guerra Mundial (SANTOS; OLIVEIRA; SAMPAIO, 2020), onde em tal período se espalhou por todo continente africano movimentos e manifestações nacionalistas como o Pan-Africanismo e Movimento de Negritude⁷, que ganharam corpo nos anos 1950 e por conseguinte despertar a consciência anticolonialista. A internalização das missões em questões locais deu-se pela insatisfação da visão preconceituosa quanto às missões protestantes, apontadas por José Júlio Gonçalves, como perigosas para a África Portuguesa, segundo Dermantini e Cunha (2015), e a partir de então tais missões vão se internalizar e atuar junto aos movimentos que vislumbravam as emancipações.

Nesse sentido, levando em conta a complexidade das missões cristãs em territórios africanos, torna-se necessário empreender discussões mais aprofundadas e reflexões mais precisas a respeito da atuação em Moçambique nas décadas de 1940-60, uma vez que a partir desse período vai se espalhar por toda África movimentos nacionalistas, que despertarão uma consciência anticolonial, não sendo diferente em Moçambique, onde se observa a presença do Pan-Africanismo e Negritude. Por conseguinte, torna-se fundamental a problematização da atuação missionária católica em Moçambique, buscando entender como foi sua relação com os movimentos anticoloniais e nacionalistas, observada a presença de figuras anticoloniais oriundas de missões católicas e protestantes; analisar os motivos que levaram o Estado português a entender as missões protestantes como perigo, assim beneficiando e priorizando as instituições católicas; e buscar entender quais consequências seriam geradas por este aumento para com as missões católicas.

⁶ Ver em: SILVA, Cristiane Nascimento da. “Viver a fê em Moçambique”: as relações entre a FRELIMO e as confissões religiosas (1962–1982). 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2017.

⁷ Ideologia com origem no século XIX nas Américas que consistia no movimento político-cultural que defendia a união e emancipação dos povos africanos e afrodescendentes, se espalhando no século XX pelo mundo, assim como no continente africano, dissipando seus ideais através de congressos Pan-Africanos a exemplo do de Londres, Paris e Bruxelas, 1919; Londres e Lisboa, 1921; Nova York, 1927; Manchester, 1945. Enquanto o movimento de Negritude consiste na ideia de uma emancipação cultural, atuando principalmente nos campos simbólicos, como a música e literatura. Assim, ambos movimentos terão forte influência nos movimentos emancipatórios em Moçambique. Ver em: SOUZA, Mirla Augusta Moura. Pan-africanismo: identidade em questão. Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, v. 1, n. 1, p. 389-403, 2011.



A “perigosidade” de forças “estranhas” nas colônias portuguesas

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, podemos observar uma priorização de investimento do Estado português para com as missões católicas situadas em Moçambique e, tal priorização seria assegurada pela Concordata de 1940 entre Portugal e a Igreja Católica. Dessa forma, as missões católicas se espalharam por Moçambique, tendo um aumento significativo de pouco mais de 182,85% entre 1945 e 1961, enquanto as missões protestantes, no mesmo período, tiveram sua expansão quase que limitada, na qual o seu aumento vai ser apenas pouco mais de 7%, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1: Aumento das missões religiosas 1945-1961

	1945	1961
Missões católicas	70	184
Filiais	379	-
Missionários	127	445
Irmãos/Irmãs	306	954
Assalariados	1.811	5.259
Missões Protestantes	14	15
Filiais	35	53
Missionários	41	85
Auxiliares	321	474

Fonte: Fonte: História de Moçambique, Vol. 3, Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961.

Verifica-se então um aumento exponencial do investimento português para com as missões católicas moçambicanas. Logo, surge algumas questões iniciais: o escasseamento dos recursos das missões protestantes dar-se-ia por questões de vertentes religiosas, por questões financeiras, ou ainda, haveria questões político-ideológicas? Poderia ser as missões vistas como um perigo para as colônias portuguesas, e possíveis vislumbres de pensamentos anticoloniais e nacionalistas? É possível responder que sim, mesmo que preliminarmente, a partir do relatório de José Júlio Gonçalves⁸:

⁸Funcionário do serviço colonial português. Professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU), a partir de 1961, formado em Direito e doutorado no campo de antropologia e sociologia. Estudioso da “missiologia africana” ligado ao Estado Novo.



Restaria agora fazer uma breve alusão à perigosidade das minorias protestantes da Guiné, de Angola e de Moçambique. Pensamos que algo se deixou entrever, ao longo deste estudo, a propósito de tal e tão melindroso problema. Deixamos, porém, as conclusões finais sobre esse assunto aos sociólogos e políticos, que, por certo, envidarão esforços para que a influência protestante não seja amanhã o mais significativo traço cultural da presença europeia nas nossas províncias africanas. (GONÇALVES, 1960, p. 278 apud DERMATINI e CUNHA, 2015, p. 61)

A ação discriminatória de Portugal para com as missões estrangeiras, estaria justificada pelo fato que assim como as nações europeias encontravam-se em um diferente contexto, pós Segunda Guerra, ressurgiu uma consciência política por toda África, tomando lugar uma emergência de um movimento anticolonial (XAVIER-ZECA, 2019). Anteriormente, José Júlio Gonçalves (1958) já havia denunciado também a presença do islamismo como um perigo, vejamos:

Não percamos de vista o grave perigo que está implícito neste facto. É que na África Oriental islamizada significa apenas que haverá maior facilidade de penetração do asiatismo em toda a extensa região leste africana, incluindo pelo menos a parte norte de Moçambique.

[...]

negro aceita muito mais facilmente a sua doutrina [do islã] como mais conforme as suas primitivas instituições e usos.

[...]

Se o ritmo das conversões entre os povos negros norte-moçambicanos mantiver a atual aceleração, é de crer que o islamismo venha a instalar-se em todas aquelas vastas regiões que situam o norte do Zambeze. (GONÇALVES, 1958, p. 210 e 236 apud SILVA, 2009, p. 4).

Para o primeiro caso, das missões protestantes, pode-se cogitar que tal discriminação seria por fatores de dogmas diferentes das vertentes católicas, ora vista que se entende ser uma mesma religião para ambas as instituições, mas com filosofias diferentes. Mas ao analisarmos o caso da expansão do islã em Moçambique, podemos entender que tais discriminações se dar por toda e qualquer presença “estranha” nos territórios das antigas colônias portuguesas, visto como ameaça a sua posição colonial. A expansão do islã⁹ seria um problema para Portugal, pois fazia parte de uma comunidade

⁹ A respeito da expansão do Islã na África, podemos caracterizá-lo como um processo muito mais antigo que a presença da Colonização e Imperialismo nos séculos XIX e XX, perdurando desde o século VII, carregando consigo propostas culturais e políticas. Ainda dentro desse processo, podemos afirmar que o islamismo chegou e se expandiu de diversas formas pelo continente africano, sendo por vezes reinterpretado, se reestruturando e espalhando pela África, cronológica e geograficamente. Ver em: MORAIS E SILVA, Bruno Rafael Vêras de. O Islã na África do Norte e Ocidental: recepção e reinvenção (séc. VII–XIV). Cadernos de História, Recife, v. 22, n. 37, p. 193–210, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110084>. Acesso em: 1 julho de 2025.



transnacional, onde a “identidade era dada pela religião muçulmana que nada tem a ver com a ideia de uma nação portuguesa”, conforme Cristiane Silva (2009, p. 5) afirma, contrapondo assim, o projeto de nacionalização presente em Moçambique, por parte do governo colonial português. Gonçalves (1960), caracteriza o islamismo como “um movimento religioso com forte poder de agregação” e ainda que tal comunidade existiria de maneira muito diferente do governo português. No mesmo relatório, José Júlio Gonçalves explana que a expansão do islamismo ocorrera de forma mais significativa na África Oriental, se comparada a África Ocidental, salienta ainda o fato de milhares de muçulmanos presentes na África Oriental serem de origem asiática, onde, segundo o funcionário do serviço colonial português, realçaria as afinidades afro-asiáticas e culminaria um sentimento de ante europeísmo entre africanos e asiáticos-hindus. Tal preocupação foi ilustrada nos números de muçulmanos presentes na África Oriental, conforme tabela abaixo:

Tabela 2: A presença islâmica na África Oriental – 1960 (números redondos)

Território	População Estimada	Muçulmanos
Etiópia	600.000 a 18.000.000	1.700.000
Eritreia	1.000.000	400.000 a 500.000
Somália	-	1.500.000
Quênia	5.500.000	320.000 a 420.000
Uganda	5.000.000	180.000 a 220.000
Tanganhica	-	1.000.000 a 2.000.000
Madagascar	4.400.000	200.000 a 300.000
Reunião	250.000	5.000
Maurícias	500.000	64.000
Comores	180.000	180.000
Seychelles	36.000	1.200
Moçambique	5.700.000	600.000 a 900.000
Zanzibar e Pemba	270.000	260.000

Fonte: Boletim geral do ultramar. - Ano 36º, nº 418-419 (Abril-Maio de 1960), p. 219-236.



Enquanto a intolerância da presença do islã estaria relacionada à dissociação para com o sentido de nação portuguesa, as missões protestantes representariam um perigo para abertura de ideais anticolonialistas e nacionalistas, no qual dificultaria o projeto de nacionalização do Estado português. Cabe destacar a influência das missões protestantes na formação do pensamento anticolonial e como as primeiras lideranças anticoloniais da Frelimo, eram oriundas de formações protestantes, a exemplo do próprio Eduardo Modlane com formação na Missão Suíça¹⁰.

Era interesse de Portugal barrar qualquer tipo de interferência em seu projeto de nacionalização, cujo objetivo era a dominação colonial, mas usava deste como mecanismo de reafirmação no cenário mundial, ora vista que, passava por crises financeiras e problemas internos e externos, como nas antigas colônias. Em Moçambique começam a surgir movimentos que podem ser mapeados em diversos e diferentes momentos, sendo possível identificar que eram formados por trabalhadores urbanos, que se reuniam em associações e sindicatos, ou em simples grupos coletivos, reivindicando melhores condições e denunciando a exploração colonial (CAMPOS, 2015). Em discurso para a Assembleia Nacional em 10 de julho de 1953, Oliveira Salazar reconhece os problemas políticos eminentes, e descreve o mundo em dois cenários: uma Europa frágil, que tentava se sustentar com problemas econômicos; e a organização de Estados independentes na Ásia e parte da Oceania, negando qualquer influência estranha. Bem como, admite que se instalava pela África os nacionalismos:

Externamente e no que respeita ao mundo em geral, os principais factos são redutíveis aos seguintes:

Dois colossos demográficos e econômicos projetam em todo o mundo político a sua sombra:

Entre um e outro a Europa – restos da Europa – a despojar-se de hegemonias que já não pode exercer, ultrapassada em potencial financeiro e nalguns sectores industriais, desorientada intelectual e moralmente:

A Ásia e em parte a Oceania a organizarem-se em grande Estados independentes, mais que independentes, hostis a toda a influência estranha e, talvez durante largos tempos, à colaboração aberta com o branco da Europa ou da América;

¹⁰ Salienta-se ainda, como essas missões foram fortemente influentes nesse processo de despertar anticolonial. A Missão Suíça, por exemplo, ao promover o acesso à educação secundária e universitária, formou uma consciência social e política, que ultrapassava as paredes de seus templos, onde os jovens atuavam como dirigentes em suas igrejas, e passavam a atuar como liderança política nesse despertar de consciência anticolonial. Ver em: CRUZ E SILVA, Teresa. A missão suíça em Moçambique e a formação da juventude: a experiência de Eduardo Mondlane (1930-1961). *Estudos Moçambicanos*, Maputo, n. 16, p. 67-104, set. 1999.



A África igualmente agitada pelos nacionalismos árabes ao norte e por irredutibilidades raciais ao centro e ao sul. [...] (Os problemas políticos e o próximo acto eleitoral, p. 3-4)

As formas de resistência teriam grande influência dos movimentos do Pan-Africanismo e da Negritude, onde o primeiro representaria um eminente político, do qual influenciaria nas lutas pela independência, enquanto a Negritude “apelava para uma emancipação cultural que formaria uma identidade e ‘autenticidade’ cultural próprias dos africanos, que se manifestariam, dentre outros, nos espaços literários”, segundo Campos (2015).

Outro meio, no qual vai se estabelecer expressões frente ao colonialismo, são os veículos de imprensa em Moçambique, em especial jornais e revistas, estando intimamente ligado com a literatura moçambicana, visto que são neles que importantes escritores vão começar a publicar seus textos, como no *O Brado Africano*¹¹ e *Msafo*¹². Dessa forma imprensa, literatura, e luta pela independência caminham juntos (CAMPOS, 2015). Nesse sentido, literatura e imprensa, influenciadas por movimentos nacionalistas, tornam-se meios pelos quais os moçambicanos irão ganhar voz, sendo as primeiras formas das quais irá se criar, substancializar e circular ideias, funcionando como meio de propagação e difusão do sentimento de integração e pertencimento entre indivíduos, a uma “comunidade imaginada” (CAMPOS, 2015) , no qual irá progredir e expandir a um discurso alinhado ao anticolonialismo, com ideais de libertação nacional (CAMPOS, 2015).

O alinhamento da literatura e imprensa como mecanismos anticoloniais tornam-se problemas para o governo português, tão logo faz-se necessário acelerar o projeto “civilizatório” das colônias, que para Oliveira Salazar, tal processo se daria pela íntima relação da formação moral e cristã com o projeto nacional. O projeto de nacionalização das colônias tomava rumos diferentes ao do esperado, visto que o Estado português lutava

¹¹ Jornal Fundado em 1918 pelos irmãos João e José Albasini. Foi um importante periódico, onde possibilitou a visibilidade de intelectuais e escritores e sendo fundamental para a história dos países africanos, como a própria luta anticolonial. Ver em: SOUZA, Larissa da Silva Lisboa. À procura de Moçambique: José Albasini e o corpus de um tuberculoso. *Mulemba* , v. 20, pág. 49-61, 2019.

¹² Msafo é uma revista literária, com apenas um número publicado em 1952, fundada por Virgílio de Lemos, Reinaldo Ferreira e Augusto dos Santos Abranches. Seu nome remete a uma folha de poesia, cujo nome designa dança e música do povo da então colônia portuguesa. Destaca-se pela luta anticolonial, marcada por romper com os padrões coloniais que tentava aprisionar a literatura produzida na época. Por apresentar críticas ao governo colonial, seu único número fora ameaçado pela PIDE. Suas páginas apresentavam poemas de Noémia de Sousa, Reinaldo Ferreira, Cordeiro de Brito, Domingos Azevedo, Ruy Guerra, Alberto de Lacerda, Augusto dos Santos Abranches e Duarte Galvão. Ver em: MACHADO, Camila de Toledo Piza Costa. A argumentação poética de Msafo. *Abril-NEPA/UFF*, v. 12, n. 24, p. 33-44, 2020.



por sua sobrevivência na África pós Segunda Guerra, assolada por diversas formas de resistências, e ainda enfrentando problemas financeiros internos e externos, como a pressão internacional da ONU, na qual Portugal reverbera a condição de Moçambique como colônia portuguesa, assim como julgam-se dignos em instalar-se em território africano, pautados pelos séculos de história com lealdade, brio e valentia:

Moçambique é e será sempre, uma Província de Portugal

Inconcebível, tem sido a atitude tomada por certos membros da ONU, que influenciados por ideias pré-comunistas, têm atacado a presença de Portugal em África.

Afirmam defender o direito de povos subjugados, que necessitam libertar-se do domínio europeu. Quem os nomeou arautos dessa mentira? Ninguém bem formado! Ninguém que tenha amor à sua Pátria! Ninguém que ame o nome de Portugal!

Adeptos do comunismo, colocados em pedestais erguidos com barro lamacento, proferem agora insultos e ultrajes contra uma Nação com oito séculos de história, construída com lealdade, brio e valentia.

Mas a resposta surgiu num repente. Grito imenso de revolta repercutiu, espontaneamente, por todas as províncias ultramarinas, numa afirmação veemente do querer de todos os portugueses, num repúdio vibrante, contra as afirmações injuriosas, proferidas na Assembleia Geral da ONU, e que fez unir, em fervor patriótico, portugueses de todas as cores, de todas as religiões e de todos os graus de cultura.

Moçambique vibrou de indignação incontida, em manifestações que vincaram bem fundo, o sentir de toda a sua população. Milhares de pessoas se reuniram em Lourenço Marques, Vila de João Belo, Inhambane, Beira, Tete, Quelimane, Nampula, Ilha de Moçambique, Vila Cabral, Porto Amélia, Mocimboa da Praia e noutras localidades, num protesto que ligou mais ainda os laços que unem todos os portugueses a volta da mesma bandeira. Amplamente demonstrado ficou o sentir dos moçambicanos. E venham quem vier, ataque quem atacar, Moçambique é e será sempre uma província de Portugal! (Moçambique é e será sempre, uma província de Portugal, p. 73).

Curiosamente, a campanha frente a ONU acompanhava-se do que primeiramente podemos afirmar ilustrar o apoio, por parte da população, ao regime colonial:



Imagem 1: Campanha frente a ONU



A manifestação de verdadeira fé patriótica levada a efeito nos jardins do Palácio da Ponta Vermelha, pela população de Lourenço Marques, mostrou ao seu Governador-Geral, a profunda repulsa que sentiam pelos ataques proferidos na O. N. U.

Fonte: Moçambique: documentário trimestral. - N.º 101-104 (janeiro a dezembro de 1960), p. 73.

Entretanto, a imagem acima revela a necessidade do regime legitimar o processo de nacionalização, demonstrando assim, uma estratégia desesperadora, evidenciando que o projeto encaminhava-se para o fracasso, no que culminaria dificuldades na administração colonial, ocasionando manifestações frente ao colonialismo, podendo despertar ainda mais ideias de cunho emancipacionistas. Cabia a Portugal então, construir uma imagem ideal, do qual poderia tentar barrar qualquer influência que pudesse contrapor sua administração nas colônias e seu projeto de nacionalização.

A Igreja sob os perigos do “materialismo ateu” nas colônias portuguesas

A Igreja, por outro lado, continuava seguindo o projeto evangelizador, e não era de seu interesse sabotar o projeto de nacionalização, se mantendo fiel ao regime salazarista. Era de interesse da Igreja seguir com o projeto da cristandade, no qual o Papa Pio XII via como maior preocupação não as noções do nacionalismo, mas para o que chama de “materialismo ateu”:

Pio XII e o Nacionalismo em África
CIDADE DO VATICANO, 26 (Abril) – Na encíclica <Fidei Donum>
hoje publicada, Pio XII, que faz um apelo a favor das missões católicas,



fala da evolução social, econômica e política de África e denuncia os perigos que espreitam aquele continente.

O Papa aponta como o primeiro desses perigos o que chama a tentação de ceder a falsas noções do nacionalismo, em vez de se apoiar numa colaboração construtiva dos povos. Referindo-se aos outros perigos a que a África está exposta, o Santo Padre cita o **materialismo ateu** que, apoiando-se em dificuldades reais, seduz os espíritos e impede, porque semeia a discórdia, a colaboração entre os homens. Pio XII mostra, a seguir, que frente a estes perigos, a expansão da Igreja em África é motivo de grandes esperanças. (Pio XII e o nacionalismo em África In: Boletim geral do ultramar. - Ano 33º, nº 383 (Maio de 1957), p. 238-239.).

A posição da Igreja tende a alinhar-se com os anseios emancipatórios após os anos 1940, quando surgem discordâncias entre as hierarquias eclesiásticas, assim como incompatibilidades com o regime colonial, como no caso de Dom Sebastião Soares de Resende¹³, Bispo da Beira; e as Sociedades dos Padres Brancos. O Bispo da Beira denunciou o trabalho forçado, as condições de trabalho nas plantações, as culturas forçadas, as fugas para os territórios vizinhos através do *Diário de Moçambique*¹⁴, de várias cartas pastorais¹⁵ e livros, sem muita das vezes citar diretamente os fundamentos da presença colonial portuguesa. Desde 1945, o Bispo da Beira causara atenção no meio político, com a pastoral *Fé, vida e colonialismo*, onde expõe sua preocupação com os problemas sociais, pondo em alerta o regime. Receosos da sua influência e impulsionados pelos interesses da população colonizada, o governo colonial retira o Bispo da Beira da direção da única escola secundária da cidade, pela mesma razão *Diário de Moçambique* sofreu várias suspensões até 1961.

O Bispo da Beira defendia a expansão do catolicismo de maneira mais cristã, reivindicava a melhoria do ensino secundário e de formação de padres africanos. O mesmo provocou críticas severas à defesa da supremacia branca portuguesa, dentro e fora da igreja. Dom Soares de Resende ganhou seus próprios defensores do racismo com suas críticas. Em 1957 tem discordâncias com o Ministro do Ultramar, Raul Ventura, tratando-se acerca do caso da construção do Colégio dos Maristas na Beira, prometida pelo

¹³ Bispo da Beira nomeado em 21 de abril de 1943, designado por Pio XII, como primeiro bispo da então diocese criada pela Bula *Solemnibus Conventionibus*, em 4 de setembro de 1940. D. Sebastião Soares de Resende nasceu em 14 de junho de 1906, em Milheirós de Poiares. Formou-se com destaque no seminário da Diocese do Porto e foi ordenado sacerdote em 21 de outubro de 1928, celebrando sua primeira missa dias depois em sua terra natal. Posteriormente, doutorou-se em Filosofia na Itália, onde também estudou Teologia e Ciências Sociais.

¹⁴ Jornal criado pelo Bispo da Beira, em sua diocese em 1950.

¹⁵ Foram particularmente incisivas as pastorais de 1948 e 1949, intituladas Ordem comunista e Ordem anticomunista; Hora decisiva de Moçambique de 1954 e Moçambique na Encruzilhada de 1959.



ministro. O governo opta por um liceu público. O bispo questiona o ministro, trocam correspondências e recusa-se a recebê-lo e não aparece na despedida do presidente Craveiro Lopes e do ministro que visitava a Beira. Na pastoral desse ano, o Bispo da Beira denuncia a deslealdade do ministro¹⁶.

Em 1959, Dom Sebastião Soares ataca novamente os problemas sociais, resultando na apreensão por parte da PIDE¹⁷ da carta que chega a falar na ONU, onde refletira sobre a presença de Portugal na África e ainda reconhecia a inevitabilidade do processo emancipatório.

A Sociedade dos Padres Brancos, instalados na região em 1945 e expulsos em 1971¹⁸ por incompatibilidades com o regime, pregava o respeito e proteção às culturas nativas, assim como defendiam que o evangelho se revelasse entre os “exóticos” com suas próprias maneiras, na sua própria língua, e isso representava um grande impasse para com o governo colonial, uma vez que, exigia que a língua portuguesa¹⁹ fosse a única a ser usada nos ambientes das missões; faziam constantes denúncias aos maus tratos e trabalho forçado.

As missões passam a atrelar-se junto com o anticolonialismo e nacionalismo, entretanto, com o relatório de Antônio da Silva Rego de 1955, podemos entender que o Estado português ora reconhecia a aproximação da Igreja com o nacionalismo, justificando tal aproximação, ora negava tal aproximação com os movimentos nacionalistas, perante a justificativa que a Igreja seria apolítica e ainda, condenava o culto exagerado pela nação:

Considerámos, no nacionalismo três conceitos diferentes: a) amor da pátria ou patriotismo; b) culto exagerado da nação, e c) tendência para independência. Qual a posição das missões católicas perante estes três conceitos? As missões católicas aprovam o primeiro, fomentam-no e cultivam-no. Quanto ao segundo, reprovam-no claramente, seguindo

¹⁶ Ver em: MARUJO, António. Sebastião Soares de Resende, bispo da Beira e resistente a Salazar. Disponível em: <https://setemargens.com/sebastiao-soares-de-resende-bispo-da-beira-e-resistente-a-salazar/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

¹⁷ Polícia Internacional e Defesa do Estado, foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão a todas as formas de oposição ao regime político do Estado Novo.

¹⁸ A expulsão ocorre ainda pelo fato de estarem alinhados a ideologia da libertação e por não concordarem com a presença colonial. Ver em: MENES, Maria Paula. Os missionários católicos que denunciaram o colonialismo português. Setenta e Quatro, 2 mar. 2003. Disponível em: https://ces.uc.pt/ficheiros2/files/setentaeequatro_pt-Os%20missionarios%20catolicos%20que%20denunciaram%20o%20colonialismo%20portugues.pdf. Acesso em: 2 julho de 2025.

¹⁹ Art. 16 do Acordo Missionário de 1940.



nisto a encíclica de Pio XI *Ubi arcano*, de 23 de dezembro de 1922. Tal nacionalismo é verdadeiramente *uma das maiores heresias modernas*, como tem sido várias vezes apelidado. A pessoa humana, a moral, o direito, etc., são realidades que se colocam acima da nação [...]. As missões nacionais, por outro lado, mais prudentes devem ser ainda, porque, existindo já a realidade *nação*, esse nacionalismo, apoiando-se em influências estranhas e não em causas naturais, não passa de manobra perturbadora da paz e do bem-comum. (REGO, 1955, p. 293-294).

A dualidade revelada na fala de Rego evidencia a manobra de Portugal de tentar barrar a crescente presença dos movimentos de cunho nacionalistas. A necessidade de negar os movimentos nacionalistas, como o próprio revela, seria porque tais sentimentos culminaria em tendências a independências, revelando uma preocupação de Portugal com tudo àquilo de estranho vindo de fora das suas antigas colônias, como as missões estrangeiras, onde entendia que com tais se estabeleceria uma consciência anticolonial; e para com a presença do islã, como visto nas falas de José Júlio Gonçalves. A posição de Portugal não mudaria muito, conforme podemos constatar no discurso proferido por Oliveira Salazar à Assembleia Nacional de 30 de novembro de 1960:

Acompanhei com toda a atenção possível a campanha anticolonialista em que se pretendia envolver Portugal. e até – para operar mais facilmente a divisão das forças opostas – quase exclusivamente Portugal. No entanto. nos jornais, nos manifestos e nos discursos, inclusive os que foram pronunciados nas altas assembleias políticas, nada encontrei do que me interessava aprender. a saber: em que consiste o problema e quais são as linhas gerais de sua solução? Além do mais. o que menos se tem preocupado é esclarecer as questões; e como a discussão parece ter abandonado o campo da inteligência para tentar criar, em algumas áreas. estados emocionais propícios à subversão. há. para dizer a verdade, ninguém a quem possamos responder. Por isso senti alguma dificuldade em saber escrever e a quem dirigir estas poucas palavras, que também julguei necessárias. Achei que os portugueses de todos os continentes, onde se estabeleceram ou onde são nativos, tinham o direito de saber qual caminho acreditamos que devemos seguir nas graves circunstâncias atuais. E qualquer pessoa interessada na discussão talvez também possa tirar algumas conclusões desta apresentação e avaliar o peso de suas próprias responsabilidades, pois eles não devem assumir o destino de milhões de homens, a ordem e a paz de sua existência, o fruto de seu trabalho, os princípios da civilização que adotaram, podem ser deixados à vacuidade dos discursos dos comícios e à anarquia dos movimentos libertadores que nos dizem. (Le Portugal et la campagne anticolonialiste. In: Boletim geral do ultramar. - Ano 36º, nº 426 (dezembro de 1960), p. 725-745, tradução nossa)

Oliveira Salazar observa a campanha anticolonialista que se pretendia envolver Portugal, contudo, afirma não haver nenhuma relevância sobre tal, contrapondo-se do que



chamando de uma grande ameaça. Seu discurso revela a estratégia de Portugal de negar a instalação de forças anticolonialistas, ora suavizando sua densidade ou negando sua legitimidade, ora relacionando-a com a violência e desordem social. E mais, ao referir-se a Portugal, se direciona também às colônias, dado ao momento que se direciona ao que chama de “portugueses de todos os continentes” e ao fazer isso, podemos interpretar ser uma tentativa alarmante de resgatar o projeto de nacionalização português, que evidenciava caminhar à beira do fracasso. Nesse contexto, o governo encontrava-se frágil e instável. O governo português se preocuparia então em desenvolver estratégias, das quais poderia combater as forças anticolonialistas, forças essas que o mesmo governo negara a existência. Negar a força do anticolonialismo nas províncias seria a única estratégia de Salazar? O que mais restaria ao governo colonial fazer para salvar seu projeto nacionalizador e por conseguinte suas colônias ultramarinas? Vejamos:

A unidade nacional fundada na fidelidade e na convivência amistosa das nossas populações dispersas nas diversas províncias de Portugal é a base indispensável — a única verdadeiramente eficaz — da nossa defesa. A consciência dessa unidade deve ser nosso escudo mais forte contra a ação da propaganda estrangeira: mas não é suficiente. ela sozinha. para garantir a nossa defesa. Este. temos que organizá-lo, já o estamos organizando em planos correspondentes à multiplicidade de métodos usados contra nós.

Enquanto isso. temos que seguir com a nossa vida. realizar nossos programas, realizar nossos empreendimentos, com firmeza. com serenidade. como se já não fosse um escândalo aos olhos do mundo ter a pretensão de continuar a defender o que muitos veem ameaçado, e que alguns até consideram perdido. na sequência dos acontecimentos recentes, que, aliás, se desenrolaram em linhas muito diferentes. Não vejo que possamos descansar em nosso trabalho. nem tenha outra preocupação a não ser segurar o arado em uma mão e a espada na outra. como nossos ancestrais fizeram por tantos séculos. Esta nova tarefa. cujo peso nem sequer podemos avaliar. é um desafio para a geração atual e será uma das maiores provações da nossa história. Nossa mente deve estar preparada para isso; exigirá grandes sacrifícios de nós. a mais absoluta devoção e, se necessário, também o sangue de nossas veias. como já aconteceu em Goa e noutros lugares. Este é o nosso destino. esta é a missão da nossa vida. a quem não devemos amaldiçoar, mas abençoar por sua elevação e nobreza.

Aqui alguns anos dois? três? quatro? — assistiremos na África a um desses dois espetáculos: o progresso paralisado em vastos territórios, a ruína total das economias. a degradação das populações e o horror das lutas internas: ou então tentativas ou experiências de colonialismo internacional. irresponsável e, por isso mesmo, desumano. na frente do qual o preto. graduada ou não. será apenas uma unidade estatística. Tantos desses. na emoção do momento. reivindicar a emancipação dos territórios portugueses. que não teria outra vantagem do que separá-los da metrópole e, assim, enfraquecer muito a resistência da Península.



Digo, entenderão que prestamos um grande serviço à humanidade. pelo nosso exemplo, e um grande serviço para as pessoas no exterior. de todos os credos e de todas as cores. protegendo-os e poupando-os de novas formas de escravidão. (Le Portugal et la campagne anticolonialiste. In: Boletim geral do ultramar. - Ano 36º, nº 426 (dezembro de 1960), p. 725745, tradução nossa).

Segundo Salazar, a mais eficaz e indispensável estratégia de combater as forças estranhas, seria o sentimento da unidade nacional, essa consciência teria o papel de escudo mais forte contra a ação estrangeira, e ainda assim não seria o suficiente. Os trabalhos nas colônias deviam seguir, realizando seus objetivos com firmeza, como se os escândalos aos olhos do mundo não existissem. Constatamos, mais uma vez, a tentativa do governo colonial português de legitimar o seu projeto nacionalizador. Mas salientar-se que o discurso de Oliveira Salazar, se analisado mais profundamente, não tenta apenas legitimar, mas busca sustentar um projeto fracassado, ocasionado não apenas pela necessidade de prevalência no cenário mundial, mas como pelo próprio despertar de uma consciência anticolonial nas suas antigas colônias, como consequência dos movimentos de resistência.

Defende ainda, que tal luta teria valor simbólico, remetendo-se aos séculos de história de Portugal e por aqueles que vieram antes, caberia então a sua nova geração defender como missão de suas vidas. Não deixa de explicitar os motivos pelos quais combateram as forças estranhas que norteavam as colônias portuguesas, segundo ele, se seguisse as circunstâncias a África se encontraria em dois cenários: do progresso paralisado, ruína econômica, degradação da população, horror de lutas internas; e a tentativa de colonialismo internacional irresponsável desumano. Desta forma, podemos perceber que o discurso de Salazar, muito tinha a haver com a situação que o governo colonial português enfrentava em suas antigas colônias. Mais do que uma análise situacional, o discurso ilustra muito bem que a colonização, enquanto instituição, representava progresso para as hegemonias ocidentais capitalistas. Era visto como progresso para as colônias também, sim, mas este progresso somente seria alcançado através de um longo período de subalternização, opressão, e violência neste caso, dos moçambicanos, esse progresso seria fornecido através da dependência dos povos colonizados, alforriados com uma liberdade – na lógica colonialista – mas essa liberdade seria mais do que limitada a estes povos, na verdade, nula.



Salazar ao relacionar o anticolonialismo ao fracasso e desordem, e classificá-lo como um método camuflado de um colonialismo, defende então o colonialismo português, que em sua visão tratava-se de uma prestação de serviços a humanidade que os protege de novas formas de exploração, assim na lógica colonialista, o desejo emancipatório representa a ruína do mundo do século XX. Bem como podemos observar, a defesa de Salazar constatava o inevitável: a colonização não mais pertencente ao mundo no século XX, movimentos de resistências e independências atravessavam a África, denunciando as violências e opressões sofridas, (re) construindo suas histórias, que tanto fora negada e apagada pelos agentes e instituições coloniais.

Considerações finais

Na segunda metade do século XX a África encontrava-se em um diferente contexto por conta do fim da Segunda Guerra Mundial, no qual resultou em espalhar por todo o continente africano movimentos nacionalistas como o Pan-Africanismo e Negritude, que posteriormente representariam uma ameaça às autoridades coloniais. Era de interesse do poder colonial desenvolver estratégias que barrassem os movimentos nacionalistas, visto que tais movimentações poderiam inflar um sentimento anticolonialista. Desta forma, o governo colonial português rejeitara qualquer “força estranha” advinda de fora dos territórios ultramarinos. Sendo assim, observamos a formulação de propagandas, por parte do governo colonial, para construir uma ideia de “perigo” para a presença dessas forças “estranhas”, como: o relatório de José Júlio Gonçalves, que afirmava que a presença de missionários protestantes oriundos de colônias aos arredores de Moçambique representava um grande risco para a administração colonial portuguesa, colocando a priorização de investimento econômico para com as missões católicas em Moçambique. No entanto, essa visão preconceituosa não ocorre com os protestantes, mas também com a presença islâmica. Essas visões preconceituosas quanto as presenças “estranhas” dava-se pelo receio, por parte do governo português, de futuras articulações anticoloniais e emancipacionistas, advinda de estruturas e instituições não tinham controle, ou ainda, nada tinham a ver com seu projeto nacionalizador.

O projeto de nacionalização português tinha como objetivo o domínio colonial, e para além disso, legitimar Portugal no cenário mundial, por enfrentar dificuldades financeiras e encontrara no processo colonial uma via para se estabilizar. Consequentemente, fez parte também das propagandas do governo colonial português a



criação da dissociação da Igreja com os nacionalismos. Ainda que não fosse interesse da Igreja Católica em atrapalhar o projeto nacionalizador, mas em suma prosseguir com o processo evangelizador, o seu posicionamento altera-se, quando surgem discordâncias entre as autoridades eclesásticas e regime colonial, justamente pela defesa da evangelização no território africano.

Os missionários passam a se alinhar questões locais, indo em contraposição à Portugal e em defesa de uma evangelização mais humana; melhores condições de ensino, uma vez que eram responsáveis por tal processo; e ainda denúncias dos maus tratos do regime colonial e regimes de trabalho análogos a escravidão. Figuras importantes como Dom Sebastião Resende, Bispo da Beira, e a Sociedades dos Padres Brancos atuaram como os principais denunciadores e geraram instabilidades ao poder colonial. As movimentações contrárias à Portugal, fizeram adensar ainda mais as propagandas coloniais, tentando negar e deslegitimar as forças nacionalistas, assim como tentar prosseguir com o projeto de nacionalização português que caminhava o fracasso.

Os boletins gerais das colônias revelam a movimentação e relação da Igreja quanto aos nacionalismos e anticolonialismo presentes em Moçambique, os discursos de Oliveira Salazar vão muito além de negar a existência do anticolonialismo em África, mas de afirmar o projeto de nacionalização português nas colônias, sobretudo, tentar conservar a colonização enquanto instituição.

Observamos aqui, a importância, sim, das missões católicas dentro do contexto das articulações, movimentos de resistência e denúncia ao colonialismo, no período que antecedeu a independência da Moçambique. Nas figuras do Bispo da Beira e a Sociedade dos Padres Brancos, observamos um papel ativo nessas denúncias e reivindicações, atrelando-se ao meio de periódicos, como nos jornais. Contudo, quanto a essa atuação temos de certa forma uma dualidade: ainda que exerçam alguma importância na oposição ao regime colonial, a catequização ainda era uma das formas de manutenção a uma instituição colonialista – nesse caso a Igreja. A própria presença dos missionários católicos era fruto da colonização.

Desta forma, devemos dar atenção a estas posturas adotadas pelas missões católicas, ainda que denunciasses as condições de trabalho, e fossem em oposição ao governo colonial, essas mesmas missões defendiam que o evangelho se revelasse entre os “exóticos”, como na visão da Sociedade dos Padres Brancos, por exemplo, ou seja,



viam ainda o africano como sujeito a ser catequizado, ensinado, como uma coisa. Por fim, não podemos deixar de levar em conta que as atitudes tomadas foram não somente em interesse dos sujeitos africanos, mas sobretudo, aos interesses da Igreja – a evangelização, visto que a Igreja se preocupava com o que chamara, em 1957, de “materialismo ateu”.

Data de Submissão: 13/03/2025

Data de Aceite: 04/07/2025

Referências

Fontes:

GONÇALVES, José Júlio. O islamismo através dos números. In: Boletim geral do ultramar. - Ano 36º, nº 418-419 (Abril-Maio de 1960), p. 219-236.

HEDGES, David; Rocha, Aurélio; Medeiros, Eduardo; Liesegang, Gerhard; Chilundo, Arlindo. História de Moçambique, Vol. 3, Moçambique no auge do colonialismo, 1930 – 1961. Universidade Eduardo Mondlane, Departamento da História. p. 135-136.

Le Portugal et la campagne anticolonialiste. In: **Boletim geral do ultramar**. - Ano 36º, nº 426 (dezembro de 1960), p. 725-745.

Moçambique é e será sempre, uma província de Portugal In: **Moçambique: documentário trimestral**. - N.º 101-104 (janeiro a dezembro de 1960), p. 73.

Os problemas políticos e o próximo acto eleitoral IN Boletim geral do ultramar. – Ano 29, n 338 (ago – 1953), p. 3-4.

PIO XII. Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, 1940. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_segst_19400507_santa-sede-portogallo_po.html> Acesso em: 22/08/2022.

RAMOS, Dirio. O Bispo Resende da Beira- A Denúncia da Ditadura e do Colonialismo. **DNoticias**. Disponível em: <<https://www.dnoticias.pt/2019/6/22/54878-o-bispo-resende-dabeira-a-denuncia-da-ditadura-e-do-colonialismo>> Acesso em: 22/08/2022.

REGO, Silva. As missões católicas perante os problemas do anticolonialismo e do nacionalismo. In: **Boletim geral do ultramar**. - Ano 31, nº 365-66 (nov-dez. de 1955), p. 283-314.

Secção estrangeira: Pio XII e o nacionalismo em África In: Boletim geral do ultramar. - Ano 33º, nº 383 (Maio de 1957), p. 238-239.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, J. S. Anticolonialismo, Literatura e Imprensa em Moçambique. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História - Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, 2015.

CRUZ E SILVA, Teresa. A missão suíça em Moçambique e a formação da juventude: a experiência de Eduardo Mondlane (1930-1961). **Estudos Moçambicanos, Maputo**, n. 16, p. 67-104, set. 1999.



DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; CUNHA, Daniel de Oliveira. Missões religiosas e educação nas colônias de povoamento da África Portuguesa: algumas anotações. **International Studies on Law and Education**, 20, maio-ago 2015.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. 1 edição. São Paulo: Contexto, 2020.

MACHADO, Camila de Toledo Piza Costa. A argumentação poética de Msaho. **Abril-NEPA/UFF**, v. 12, n. 24, p. 33-44, 2020.

MARUJO, António. Sebastião Soares de Resende, bispo da Beira e resistente a Salazar. Disponível em: <https://setemargens.com/sebastiao-soares-de-resende-bispo-da-beira-e-resistente-a-salazar/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

MENES, Maria Paula. Os missionários católicos que denunciaram o colonialismo português. Setenta e Quatro, 2 mar. 2003. Disponível em: https://ces.uc.pt/ficheiros2/files/setentaequatro_pt-Os%20missionarios%20catolicos%20que%20denunciaram%20o%20colonialismo%20portugues.pdf. Acesso em: 2 julho de 2025.

MORAIS E SILVA, Bruno Rafael Vêras de. O Islã na África do Norte e Ocidental: recepção e reinvenção (séc. VII–XIV). **Cadernos de História, Recife**, v. 22, n. 37, p. 193–210, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110084>. Acesso em: 1 julho de 2025.

Ribeiro, F. B. (2020). In: SANTOS; OLIVEIRA; SAMPAIO. Missões e missionação: estudos sobre a experiência missionária em espaços africanos e brasileiros. Prefácio (pp. 7-12). Salvador: EDUNEB.

SANTOS; OLIVEIRA; SAMPAIO. Missões e missionação: estudos sobre a experiência missionária em espaços africanos e brasileiros. Apresentação – experiências missionárias em perspectiva dialógica. (p. 14). Salvador: EDUNEB.

SILVA, C. N. A Nação portuguesa e os muçulmanos de Moçambique. In: XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. Sociologia da Comunicação: o trabalho pioneiro de José Júlio Gonçalves em Portugal. **Comunicação & Sociedade**, v. 31, n. 53, p. 123-144, 2010.

SOUZA, Mirla Augusta Moura. Pan-africanismo: identidade em questão. Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, v. 1, n. 1, p. 389-403, 2011.

SOUZA, L. S.. O canto na cidade calada à força: poder simbólico na poesia anticolonial moçambicana. **LETRÔNICA**, v. 11, p. 50, 2018.

SOUZA, Larissa da Silva Lisboa. À procura de Moçambique: José Albasini e o corpus de um tuberculoso. **Mulemba**, v. 20, pág. 49-61, 2019.

THOMAZ, O.R. Contextos cosmopolitas: missões Católicas, burocracia colonial e a formação de Moçambique. **Estudos moçambicanos**, 19. p. 27-59, 2001.

XAVIER-ZECA, K S H . Debate em torno da construção do Estado em África, os Movimentos Sociais na Construção da Identidade Moçambicana. *Áfricas*, v. 6, p. 44-67, 2019.

